



UNIDADE DE SAÚDE PARCEIRA DO PAI



PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Eduardo Paes

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE SAÚDE E DEFESA CIVIL
Hans Fernando Rocha Dohmann

SUBSECRETÁRIA GERAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE
SAÚDE E DEFESA CIVIL
Anamaria Carvalho Schneider

SUBSECRETÁRIO DE PROMOÇÃO, ATENÇÃO PRIMÁRIA
E VIGILÂNCIA EM SAÚDE
Daniel Soranz

SUPERINTENDENTE DE PROMOÇÃO DA SAÚDE
Marcia Regina Cardoso Torres

COORDENADORA DE POLÍTICAS
E AÇÕES INTERSETORIAIS
Viviane Manso Castello Branco

AUTORAS
Viviane Manso Castello Branco
Maria Luiza Mello de Carvalho
Andreia Pereira Coutinho
Alice Sicuro

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Areté Programação Visual

FOTOS
José Inacio Parente

1ª edição: agosto de 2009

AGRADECIMENTOS

Aos profissionais da SMSDC que colaboraram no grupo focal com suas sugestões; a José Inacio Parente pela cessão das fotos; a Marlene Manso pela revisão do texto; aos integrantes da Macrofunção/ Comitê Vida e a todas as pessoas que, de forma pioneira, vêm desenvolvendo atividades voltadas para os pais, abrindo caminhos para que os homens possam compartilhar com as mulheres o cuidado ativo e amoroso das crianças.

Profissionais de saúde – parceiros na construção de uma sociedade mais solidária

Fortalecer e apoiar as famílias deve ser uma prioridade para as políticas públicas. É sobretudo na família, no dia-a-dia do espaço privado, que desenvolvemos valores e habilidades como respeito, tolerância, autocontrole, capacidade de ouvir, negociar e cooperar, habilidades essas fundamentais para a vida harmoniosa em sociedade.

Em 2002 a Prefeitura criou o Movimento pela Valorização da Paternidade, através de um grupo de trabalho que congrega diferentes órgãos municipais, universidades, ONGs e voluntários, anteriormente denominado Macrofunção Vida e atual Comitê Vida. Este grupo vem implementando iniciativas em diferentes setores para ampliar o envolvimento dos homens no cuidado com as crianças e adolescentes. Parte do reconhecimento de que a paternidade afetiva tem um impacto importante no desenvolvimento físico, emocional e social dos filhos, trazendo benefícios para toda a sociedade. Entre as estratégias implantadas estão a oficialização do mês de agosto como “Mês de Valorização da Paternidade” e a criação dos “10 Passos para ampliar a participação do pai nas políticas públicas”. Estes “10 Passos” constituem um conjunto de recomendações que contribuem para institucionalizar as ações de inclusão dos homens em diferentes serviços, tais como escolas, unidades de saúde e outros equipamentos sociais, esportivos e culturais.

A priorização do tema da paternidade surgiu da necessidade de preencher a lacuna ainda presente nas políticas públicas com relação a esta questão. O envolvimento do pai nas ações de cuidado é um dos recursos mais importantes e, no entanto, mais mal aproveitados na promoção da saúde e do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Os próprios serviços de saúde, muitas vezes denominados materno-infantis, contribuem para afastá-los, reforçando a concepção de que as referidas ações – de cuidado – são de responsabilidade exclusiva das mulheres.

Se, por um lado, encontramos dificuldades inerentes à nova tarefa, por outro contamos com o interesse e presença crescente dos homens no pré-natal, no parto, nas consultas pediátricas e na vacinação das crianças. Dessa forma, as unidades de saúde podem se constituir num espaço privilegiado para a formação de um novo modelo de pai, mais afetivo e participativo.

Este guia contém informações e recomendações para ajudar na implantação de Unidades de Saúde Parceiras dos Pais. Caberá a cada serviço discutí-las e encontrar seu próprio caminho para construir uma prática assistencial que permita que homens e mulheres compartilhem, com segurança e responsabilidade, o cuidado com os filhos. Assim estaremos – todos – contribuindo para a promoção de uma sociedade mais saudável, solidária, democrática e comprometida com o cuidado com a vida.

Esta publicação é fruto dessa experiência de oito anos e do esforço coletivo dos profissionais de saúde e parceiros, que vêm criando novas possibilidades de inserção dos homens e pais nos serviços de saúde, em sintonia com as mudanças pelas quais as famílias estão passando. Cabe destacar o apoio de Maria Luiza Mello de Carvalho, psicóloga da Maternidade Escola da UFRJ e membro do Comitê Vida, que se dispôs a compartilhar sua experiência de mestrado e doutorado e contribuiu, de forma significativa, para viabilizar a elaboração deste guia.

Viviane Manso Castello Branco

Coordenadora do Comitê Vida/
Movimento pela Valorização da Paternidade



A paternidade cuidadora promove saúde

Todos sabem que a família mudou. Homens e mulheres são levados a repensar seus papéis em busca de maior simetria nos trabalhos com a casa e com os filhos. Porém os homens, ao contrário das mulheres, raramente têm oportunidades de receber informações, trocar experiências ou desenvolver habilidades de cuidado.

Homens são identificados socialmente como “fortes” e provedores, e impedidos, muitas vezes, de se envolverem com o cuidado em geral, com consequentes prejuízos para sua saúde, da sua família e da comunidade. Hoje em dia, contudo, homens e mulheres, em geral, trabalham fora para garantir o sustento familiar, e a idéia de que os pais sejam apenas provedores começa a mudar, criando espaço, gradativamente, para o cuidado paterno diário.

A atenção de pais cuidadores e afetivos contribui positivamente para toda a família, principalmente com relação ao desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social das crianças. Os pais enriquecem a vida dos filhos com formas de expressar afeto e cuidado que podem ser diferentes das expressas pela mãe. A saúde das mulheres também é facilitada, pois diminui a sobrecarga feminina com os trabalhos fora e dentro de casa. A dedicação amorosa aos filhos favorece ainda os próprios homens, ampliando suas vivências masculinas para além do papel de provedores. Além disso, homens comprometidos com relações cuidadoras diminuem os riscos de seu envolvimento com alcoolismo e violência, contribuindo para o bem-estar da família e da sociedade.

Apesar dos preconceitos em torno da capacidade dos pais de cuidarem bem de seus filhos, constatamos que eles são capazes de desempenhar todas as tarefas com as crianças, tais como: higiene, vestuário, alimentação, instrução, saúde, acolhimento amoroso, educação de valores e disciplina, entre outras funções. Os pais constroem suas formas particulares de cuidar, com diferentes estilos pessoais no desempenho das atividades com os filhos.^{1,2}

Eu arrumo, eu faço trancinha no cabelo dela igual mulher faz, essas coisas todas. Eu nunca imaginava. [...] Deus me concedeu esses dons, que nem eu sabia que eu tinha esse dote de cuidar. Quando a minha filha sai e vai para escola muita gente fala: Oh! quem te arrumou? Porque muita gente sabe que eu sou viúvo e pensa que outra pessoa que arrumou, mas eu que arrumei. Eu sei colocar as roupas certinho, eu sei combinar as roupas, então ela fica uma boneca, entendeu?

Jonathan, 37, viúvo, desempregado, filha de cinco anos^{1,2}

Por que incluir os pais nos serviços de saúde

A inclusão dos homens/pais nos serviços é um novo desafio, pois, tradicionalmente, as rotinas de saúde são voltadas para as mulheres. Pesquisas têm revelado as dificuldades de sua inserção como acompanhantes de crianças e de gestantes, num descompasso das instituições de saúde com as atuais transformações econômicas, familiares e de gênero.^{4,5}

Quase todas as famílias com crianças têm contato com o serviço de saúde. É lá que geralmente tiram suas dúvidas, conversam e recebem orientações sobre saúde e desenvolvimento. Os próprios profissionais de saúde são vistos como modelos de cuidado. Assim sendo, por que não potencializar esta oportunidade e incluir os homens, validando e qualificando sua capacidade de cuidar?

Pesquisa realizada pela SMSDC com mais de 5 mil famílias de bebês de até seis meses de idade, em diferentes unidades de saúde do Rio de Janeiro, durante a Campanha de Vacinação de 2005, revelou que 84% dos bebês conviviam diariamente com os pais. Apenas 4,6% não tinham contato algum. No início da vida, ao contrário do que se imagina, o pai geralmente está presente e, de alguma forma, passando pelas nossas unidades de saúde, embora ainda invisível para a maioria dos serviços. Nosso desafio é contribuir para que este homem se sinta valorizado como pai e tenha oportunidades de receber informações, trocar experiências, desenvolver habilidades de cuidado e formar vínculos significativos com os filhos.

Torna-se necessário, portanto, que os profissionais diminuam sua distância histórica dos pais, com a formulação de novas práticas que implicam na revisão de concepções de gênero, família, paternidade e maternidade tradicionais. Importante ressaltar que ao falarmos em “pai”, estamos incluindo todas as figuras masculinas que são uma referência de cuidado e afeto para crianças e adolescentes, tais como: padrastos, avós, tios e namorados das mães.

Essas ações requerem o preparo dos gestores e de toda a unidade de saúde, com reformulação de rotinas. Apresentamos, a seguir, dez recomendações que contribuem para tornar a unidade de saúde parceira do pai.

Aprendi a valorizar a relação com a minha filha vendo a rotina aqui do hospital. Até aprendi a fazer shantala nela! (...) Com certeza sou um pai melhor do que meu pai foi.

Funcionário do H.M. Salles Neto³

Recomendações para a Unidade de Saúde Parceira do Pai

1. PREPARAR A EQUIPE DE SAÚDE

A entrada do pai nas rotinas assistenciais precisa do apoio dos gestores para a mudança de concepções de gênero e de família, já que, anteriormente, a prioridade era das mães. É importante que a equipe perceba que a maioria dos pais deseja se envolver e é capaz de cuidar das crianças com competência, embora alguns não assumam seus filhos.

As diversas equipes de profissionais precisam estar sensibilizadas para a importância da presença do pai, reconhecendo o impacto benéfico do envolvimento paterno na saúde das crianças. Os princípios da universalidade e da integralidade das ações do SUS se fazem presentes nesse processo de atenção à família como um todo. Quando os profissionais “vestem a camisa” da valorização da paternidade, encontram caminhos para fazer as mudanças necessárias para a inclusão dos pais. O pai deixará de ser um mero espectador, e se tornará atuante e parceiro no cuidado com a família.

Na preparação da equipe para o trabalho com a família como um todo, muitas resistências podem surgir, já que as condutas assistenciais e administrativas eram anteriormente voltadas apenas para as mães. É importante que o profissional realmente entenda e acredite que o pai é parceiro e cúmplice no cuidado com a família, e não ameaça, para que se envolva com esta causa. Sua atitude, ao ser capaz de se aproximar do pai e mantê-lo envolvido com o cuidar de sua família, servirá como modelo inspirador para a sociedade valorizar a paternidade cuidadora.

As dificuldades dos profissionais com esta nova abordagem precisam ser acolhidas e compreendidas como resistências comuns a qualquer nova prática. Incluir os homens implica numa revisão de histórias de vida,

“Quando um pai levava a criança para vacinar, minha primeira pergunta era: ‘Cadê a mãe? Por que ela não veio?’ Duvidava que o pai fosse capaz de preparar a criança e ficava admirada quando via que ele sabia mudar a fralda, segurar o bebê e arrumá-lo direitinho, do jeito que a mãe faria. Mudei minha maneira de ver o pai e também a mãe, que não podia estar lá porque tinha outras obrigações.”

Maria Isabel de Melo Neto, auxiliar de Enfermagem

valores, saberes e práticas de profissionais e clientes. É preciso paciência e persistência.

Apresentamos algumas sugestões para o trabalho com as equipes, que poderão ser utilizadas ou adaptadas de acordo com a criatividade de cada serviço:

- Crie oportunidades de encontro para que os profissionais falem de suas experiências no trabalho com os pais e aprendam a lidar com sua insegurança diante da presença, do olhar e das demandas dos pais na atenção às gestantes e aos seus filhos.
- Promova a reflexão sobre as pesquisas que mostram o impacto que a paternidade afetiva causa no cuidado com as crianças, com as mulheres e com o próprio homem.
- Desenvolva com os profissionais a discussão sobre: cuidado paterno, masculinidade, família, maternidade, formação de vínculos entre pais e filhos, gênero, parto, sobrecarga feminina, guarda após o divórcio, afetividade na família e diferentes configurações familiares. Utilize metodologias participativas e envolva-os na escolha dos temas e no desenvolvimento das atividades.
- Proporcione um espaço de partilha e reflexões sobre a figura do homem no mundo contemporâneo, e aponte as transformações ocorridas ao longo dos tempos na construção social da paternidade.
- Facilite a reflexão para o reconhecimento de que os pais são capazes de desenvolver todas as atividades de cuidado com os filhos, com relação à saúde, alimentação, escola, acolhimento amoroso e educação de limites.
- Trabalhe com os profissionais do sexo masculino as questões que envolvem masculinidade e cuidado. Quando o profissional homem tem noção da sua importância como exemplo de cuidador, ele desenvolve maior responsabilidade diante dos pais e dos colegas pais.
- Capacite a equipe em metodologias para trabalho com homens, porque eles podem ter demandas diferentes das mulheres. O jeito de trabalhar com homens é outro, já que precisam ser estimulados a expressarem seus sentimentos e suas angústias.
- Trabalhe os preconceitos com relação às masculinidades e às classes sociais economicamente desfavorecidas, desmistificando a ideia de que homens de camadas populares são “violentos, alcoólatras e desrespeitadores da sexualidade feminina”.



2. INCLUIR OS PAIS NAS ROTINAS DOS SERVIÇOS

Como historicamente estiveram afastados das ações de saúde, a adesão dos pais não é uma tarefa fácil, mas com sensibilidade e criatividade encontramos caminhos para sua inclusão.

Muitas vezes os pais não se sentem à vontade para entrar nas consultas obstétricas e pediátricas. Em função deste constrangimento, costumam ficar do lado de fora, transmitindo a falsa impressão de desinteresse. Os profissionais da recepção devem estar atentos para identificar esses homens e convidá-los a se integrarem aos atendimentos.

Este esforço de inclusão deve começar o mais precocemente possível, nas ações de contracepção e no TIG (teste de gravidez). O homem que compartilha a responsabilidade pela contracepção ou acompanha sua namorada/companheira para saber se está grávida merece uma atenção especial dos profissionais de saúde. Esta é uma oportunidade ímpar para valorizar a sua presença e envolvimento, e apoiá-lo no que for preciso.

É importante ter em mente que os homens devem ser explicitamente convidados para todas as atividades relacionadas ao cuidado com seus filhos ou parceiras, incluindo consultas, exames, grupos reflexivos e educativos.

É preciso deixar claro que sua presença é bem-vinda.

3. INCLUIR OS PAIS NO PRÉ-NATAL, PARTO E PÓS-PARTO

A entrada dos pais no ambiente do parto demanda uma mudança de concepções de gênero, de parto e de família por parte dos profissionais. Esta reflexão é essencial para que a equipe possa respeitar a escolha do acompanhante feita pela gestante.

O pai, principalmente quando a família é formada apenas pelo casal, costuma ser a única ou principal referência emocional e social da gestante. Quando bem informado e preparado, dá segurança emocional à mulher, trazendo benefícios à sua saúde e à do bebê. Envolvido, poderá se comprometer com os cuidados com a família.

“Eu sou um antes e outro depois de ver o nascimento do meu filho”.

“Estar fazendo massagem nas costas, aquela coisa toda, parece que vai encorajando a gente. Eu acho que a gente vai entrando no clima dela, do parto e acaba acompanhando junto.”

Pais na Maternidade Leila Diniz^{4,5}

O que os serviços de saúde podem fazer:

Na visita às famílias

Onde houver gestante, busque o contato com o companheiro desta para estimulá-lo a comparecer às consultas e às atividades grupais no pré-natal e no cuidado pediátrico.

Ao longo do pré-natal

Pergunte à futura mãe sobre o envolvimento do pai com a gestação. Dessa forma, você ajuda a mulher a perceber a importância do cuidado paterno. Converse com ela, sensibilizando-a para os benefícios do envolvimento dos homens com os cuidados com a família. Ofereça o seu apoio para ajudá-la a conversar com ele se for necessário. As mulheres são as principais estimuladoras do cuidado paterno em suas casas. Registre no prontuário ou na ficha de acompanhamento, se o pai está envolvido com a gestação.

Estar presente às consultas obstétricas, à ultrassonografia, ao parto e ao acompanhamento pós-parto permite que os homens se sintam incluídos e compartilhem o processo de geração da vida que se passa no corpo da mulher, propiciando a formação de vínculo com o filho e melhorando a relação entre o casal.

A atenção dos profissionais aos pais, na gestação e no nascimento da criança, pode reduzir conflitos, aumentar a satisfação de ambos com a relação conjugal e diminuir as separações nos primeiros anos de vida da criança.⁶

Nas consultas de pré-natal, convide os pais a sentarem e participarem da conversa, estimulando-os a tirarem suas dúvidas.

- O exame de ultrassonografia é uma situação privilegiada para a vinculação do pai com a criança. Muitos pais comentam que nesse momento “cai a ficha”. Ajude a visualizar o bebê e esclareça suas dúvidas.
- Convide o pai, diretamente ou através da mãe, a participar de grupos de discussão de casais grávidos, onde poderá tirar suas dúvidas, receber informações e compartilhar expectativas, preocupações e alegrias com a paternidade. Os pais costumam estar mais abertos a receber informações e desenvolver habilidades de cuidado antes do nascimento do primeiro filho.

A preparação dos pais para a participação no trabalho de parto e no parto é importante, mas não obrigatória. Estudos mostram que pais que não passaram por nenhum treinamento apoiaram a gestante adequadamente.^{4,5,7}

Na admissão para o parto

Converse com a gestante sobre seu direito a acompanhante e sobre a importância da presença do pai. Valorize e incentive a participação daqueles que se mostram envolvidos amorosamente com suas companheiras. Com o apoio da equipe, poderão se sentir seguros para a entrada no ambiente do parto.

- Se a equipe souber que o pai não acompanhou a gestação, pode oferecer às mães a possibilidade de entrar em contato com o mesmo, convidando-o a vir conhecer o bebê. Esta iniciativa simples pode ter um enorme impacto na vida da criança.
- A gestante que não escolhe o pai como acompanhante deve ter seu desejo respeitado, já que o direito do pai participar deve ser fruto de um acordo entre o casal. No entanto, sugere-se que a equipe desenvolva a reflexão com a clientela em torno dos preconceitos sobre a masculinidade e os benefícios da inserção dos homens no mundo dos cuidados. Argumentos tais como: “o pai tem medo de assistir ao parto” ou “ele não sabe cuidar” podem ser trabalhados em atendimentos ou grupos de apoio aos casais. Informe ao pai sobre os direitos da mulher e do acompanhante, os documentos necessários para a internação da gestante e o registro do recém-nascido.
- Forneça roupão, toucas e outros equipamentos necessários para que ele possa acompanhar o nascimento do filho. É importante valorizar sua participação como pai e não como fotógrafo do parto ou cuidador substituto da equipe.

Informe à gestante sobre seu direito de ser acompanhada, no trabalho de parto e no parto, pelo pai ou por uma mulher de sua escolha. Só conhecendo os seus direitos os pais podem se organizar com antecedência, tanto no trabalho quanto em casa.

Esclareça suas dúvidas a fim de que ele possa estar seguro para o apoio necessário à parturiente.

Durante o trabalho de parto

O pai precisa ser acolhido pela equipe, pois está vivendo um momento importante na sua história de paternidade. Oriente-o para que mantenha a atenção cuidadosa à gestante, evitando conversas longas e tensas, respeitando a necessidade de recolhimento da mulher e permitindo que ela possa mergulhar profundamente no contato com seu corpo. Estimule-o a apoiá-la

nos movimentos que ela quiser fazer, como andar ou tomar banho. Oriente-o para fazer massagem nas costas da gestante, se ela desejar.

Nos primeiros momentos de vida da criança

Facilite para que o pai esteja presente. Estimule-o a pegar o recém-nascido e a cortar o cordão umbilical.

- Permita que, após o parto, ele conduza o bebê com a mãe ao alojamento conjunto.
- Incentive os pais a darem o primeiro banho do bebê. Desta forma, a mulher que estiver se recuperando do parto será apoiada nas tarefas de cuidado durante a internação, e o pai se sentirá legitimado a cuidar do seu bebê.
- O pai também poderá praticar o “Método Canguru”, caso o bebê seja prematuro e este método esteja indicado.
- Ajude os pais a falarem de suas emoções e suas angústias com relação às situações que está vivenciando. Assim como as mães, os pais encontram-se profundamente emocionados com o nascimento dos filhos e precisam se sentir apoiados pela equipe. O acolhimento ao pai permite que ele se identifique com a proposta de cuidar.
- Valorize o apoio emocional que os pais podem dar às mães durante a amamentação nos alojamentos conjuntos e aproveite a oportunidade para orientá-los. Pais que sabem lidar com os problemas mais comuns relacionados à amamentação podem contribuir muito para o aleitamento materno.
- A valorização do pai se manifesta na placa de identificação dos recém-nascidos no alojamento conjunto e na UTI Neonatal. Crie espaço para o nome do pai, de acordo com a informação e concordância da mãe.
- Os funcionários que forem fazer o registro do bebê devem ter o cuidado de perguntar à mãe e ao pai qual a raça/cor da criança. Frequentemente os profissionais fazem este registro baseados na sua própria observação e, como é comum que as crianças de pais negros nasçam com a pele clara, podem ser, inadvertidamente, registradas como brancas. O fato do pai negro poder reconhecer e registrar seu filho como negro ou pardo é importante para a valorização e respeito da identidade étnico/racial desta família e para o fortalecimento de vínculos.

4. INCLUIR OS PAIS NAS ENFERMARIAS

Pai é cuidador, não é visita. Permita seu acesso aos setores responsáveis pelo cuidado da criança. Em serviços de internação pediátrica, a presença paterna na unidade pode ser uma condição relevante para o apoio emocional à criança internada.

Os homens geralmente não estão acostumados com as práticas dos serviços de saúde. Para que se tornem aliados no atendimento, crie uma rotina adequada para sua recepção, apoio e orientação.

- Durante a internação, as famílias atravessam grandes preocupações. Os pais precisam de apoio emocional e informação sobre o estado de saúde de seus filhos e os procedimentos com as crianças internadas. Procure elevar a autoestima de pais e mães e valorizá-los como cuidadores.
- Facilite a sua entrada em horário integral. Se não for possível, estabeleça horários alternativos, incluindo o noturno, para entrada dos pais com impedimentos profissionais, a fim de que possam apoiar suas famílias e receber o apoio da equipe de saúde.
- Estimule que os pais com experiência de cuidado com seus filhos deem seus depoimentos aos outros pais.
- Por motivos ligados ao trabalho ou à relação com a mãe, nem sempre os pais se fazem presentes nas visitas aos bebês e crianças internadas. Crie um livro de registro de acompanhantes e responsáveis visitantes nos serviços de internação pediátrica e de UTI Neonatal. Este registro permitirá acompanhar a participação paterna no apoio a crianças, para posterior contato e trabalho da equipe com pais ausentes, em acordo com as mães.

5. PROMOVER ATIVIDADES EDUCATIVAS COM OS HOMENS

Os serviços de saúde devem ter uma preocupação especial em oferecer aos homens uma oportunidade para aprendizado e troca de experiências sobre atividades cuidadoras.

Crie espaços de discussão com metodologias participativas que facilitem a expressão de sentimentos, a troca de experiências e o desenvolvimento de habilidades e competências. As atividades devem ser adequadas à faixa etária com a qual se vai trabalhar. Convide os homens de todas as idades para participar das ações educativas. Valorize sobretudo os pais de “primeira viagem”, que se encontram num momento propício para a reflexão e

aquisição de conhecimentos. Evite jargões técnicos e leve em consideração a cultura local para que todos se sintam incluídos e motivados.

Receba as sugestões dos homens e procure envolvê-los no planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades. Convide pais que já participaram do parto e pais cuidadores para darem seus depoimentos, de forma a servirem de estímulo para outros homens. Os grupos podem ser liderados por profissionais de saúde ou por homens da própria unidade de saúde, de outros serviços ou da comunidade.

Sugestões de temas

- Desafios para os homens e as mulheres no mundo atual
- Gênero e sexualidade
- Paternidade
- Paternidade e maternidade na adolescência
- Relacionamento com a companheira e a família
- Cuidados com a mulher na gestação, no parto e no pós-parto
- Cuidados com o bebê (banho, cuidados com o umbigo, higiene do menino e da menina etc)
- Apoio ao aleitamento materno
- Alimentação da criança
- Desenvolvimento da criança e do adolescente
- Acolhimento afetivo da criança e do adolescente
- Métodos disciplinares na educação de crianças e adolescentes
- Como educar em parceria com a mãe da criança quando os pais estão separados
- Direitos (acompanhamento no parto, declaração de comparecimento, licença-paternidade, licença-maternidade, guarda compartilhada etc)
- Prevenção de acidentes e violência na infância e adolescência
- Saúde do homem

6. ACOLHER E CUIDAR DOS HOMENS

Aproveite a presença dos homens para incentivá-los a cuidar da própria saúde, a atualizar suas vacinas e a frequentar os diferentes serviços da unidade. Podem ser realizadas atividades preventivas como aferição de PA, medição de peso e altura, cálculo de IMC, orientação nutricional e de saúde bucal, aconselhamento e testagem para as DST e HIV/Aids.

Os pais muitas vezes deixam de frequentar os serviços de saúde porque se sentem cobrados. Incentivo é fundamental. Cada pai tem seu jeito próprio de cuidar, diferente muitas vezes da forma que o profissional imagina que seja a ideal. Leve em consideração as singularidades, assim como as condições econômicas e culturais das comunidades onde estão inseridos, evitando posturas distantes e autoritárias.

O pai motivado pode se tornar um ótimo cuidador e peça fundamental na vida de seus filhos. Como parceiro auxilia toda a equipe de saúde, e contribui para um tratamento eficaz.

Apesar do interesse em participar, alguns pais ficam presos ao trabalho, perdendo oportunidades únicas em sua história de paternidade. Ofereça sempre a declaração de comparecimento à unidade de saúde para que ele a entregue no seu local de trabalho.

Pais de crianças doentes precisam de apoio diferenciado. A vulnerabilidade de sua experiência emocional é enorme em função da insegurança e do esforço para aceitar o diagnóstico. Além disso, sofrem impacto financeiro pois diminuem sua energia para o trabalho, ocupados com o tratamento das crianças. O apoio em grupo entre esses pais facilita essas vivências.⁸

Em geral, quando o filho morre, as mães são apoiadas emocionalmente e os pais raramente são objeto de atenção da equipe. Vivem solitariamente sua tristeza e a dificuldade de aceitar a morte de um filho. A equipe pode atender ao pai, junto ou separado da mãe, no sentido da elaboração emocional desse luto. A saúde emocional dos homens e de sua família depende da forma como são elaboradas as doenças e as perdas.

7. PREPARAR O AMBIENTE

Crie para o pai um ambiente acolhedor, onde ele se sinta parte importante do cuidado familiar.

- Acrescente cadeiras nos consultórios para que homens/pais possam participar das consultas com suas companheiras e filhos, fazendo com que se sintam acolhidos e motivados para retornar nas outras consultas.
- Exponha cartazes, fotos e revistas com imagens e conteúdos que valorizem a paternidade: nas salas de espera, nos corredores, nas enfermarias e nos alojamentos conjuntos.

- Divulgue informações sobre licença-paternidade e o direito dos pais de acompanharem o parto, através de cartazes e informes nos quadros de aviso.
- Disponibilize um banheiro masculino próximo às salas de espera e nas áreas voltadas para o acompanhamento de gestantes/mães ou de crianças internadas.
- Para facilitar a presença dos pais nos locais de atendimento, especialmente no trabalho de parto, há necessidade de privacidade que



permita o bem-estar das famílias. Quando não houver condições ideais, coloque biombos ou cortinas, que, de uma maneira simples e de baixo custo, criam o ambiente adequado sem necessidade dos pais serem substituídos por mulheres.

8. DAR VISIBILIDADE AO TEMA DO CUIDADO PATERNO

O preconceito, quanto ao homem cuidar, frequentemente está presente no meio social em que os pais vivem, desvalorizando sua participação nas tarefas com as crianças. Muitas vezes, homens enfrentam questionamentos acerca de sua sexualidade porque cuidam de seus filhos. A falta de apoio da sua rede social faz com que muitos pais deixem de reivindicar a sua participação no cuidado dos filhos na sua relação com as mulheres e com os serviços de educação e saúde. A equipe de saúde pode desenvolver ações com diferentes setores da sociedade, promovendo a valorização do cuidado paterno.

Pode-se incentivar a inclusão do tema da paternidade e das diferentes formas de ser homem em todas as atividades educativas, inclusive naquelas frequentadas basicamente pelas mulheres. Valorizar a paternidade não significa diminuir a importância das mulheres, e, sim, estimulá-las a refletir sobre os papéis de gênero, e a educação de meninos e meninas. A equipe deve incentivá-las ao diálogo com os parceiros sobre a paternidade e motivá-las a buscar estratégias para inserir os homens no cuidado com os filhos.

Uma atividade interessante é promover, nos grupos de adolescentes, o debate sobre o pai que eles têm e o pai que eles querem ser ou, no caso das meninas, nos pais que querem dar para seus filhos.

Convide os pais que participaram do parto ou do cuidado com a saúde dos filhos, incentivando-os a dar seu depoimento nas atividades de grupo e, valorize também as vivências femininas nesta divisão de responsabilidades.

De forma a disseminar na unidade a importância do envolvimento dos pais, é interessante realizar eventos comemorativos no Mês de Valorização da Paternidade, com participação dos homens, da equipe e da comunidade local. A seguir listamos algumas atividades que vêm sendo realizadas nas unidades de saúde:

- Painéis com fotos e depoimentos de pais e filhos de funcionários e clientes da unidade
- Atividades lúdicas e de integração entre pais e filhos: gincanas, jogos de futebol e outras modalidades esportivas, desenhos coletivos
- Concursos de cartazes
- Pesquisas para subsidiar a organização dos serviços
- Debates sobre diferentes temas da paternidade: relação pai-filho, relação do pai com a companheira, pais separados, paternidade e trabalho, o papel do avô, etc.
- Festa do Dia dos Pais

9. CRIAR HORÁRIOS ALTERNATIVOS

Ofereça horários alternativos, tais como sábados ou 3º turno, para consultas, atividades de grupo e visitas às enfermarias, de forma a facilitar a presença dos pais que trabalham. Embora esta questão atinja homens e mulheres, de forma geral, a sociedade é bem menos tolerante com os homens com relação a faltar ao trabalho para acompanhar alguma consulta ou internação.

Em serviços de internação pediátrica, a presença paterna na unidade no horário noturno pode ser uma condição relevante para o apoio emocional à criança internada, já que muitas vezes a mãe e outras pessoas da família não estão disponíveis.

10. FORTALECER A REDE DE APOIO SOCIAL

A falta de emprego e de qualificação para o trabalho é um dos principais obstáculos para o envolvimento dos homens, principalmente os pais jovens de baixa escolaridade. Torna-se fundamental estabelecer parcerias com a Assistência Social e outros setores para facilitar o acesso a emprego, profissionalização, ajuda para obras, Bolsa Família, etc.

Adolescentes e jovens pais devem ser incentivados a dar continuidade ao seu processo de escolarização e qualificação profissional. Parcerias com as escolas e atividades de reforço escolar são estratégicas.

Brincar é prazeroso e aproxima pais e filhos. Estimule-os a fazer atividades de lazer com suas famílias, frequentar os parques públicos, as bibliotecas regionais e as atividades culturais gratuitas.

A mulher que cede espaço e apoia o homem nesta nova tarefa também enfrenta resistências e julgamentos da sociedade. Às vezes é criticada por não assumir “adequadamente” as tarefas que a nossa cultura entende como responsabilidade primordial das mulheres. Desenvolva atividades que promovam o diálogo entre o casal, valorizando e acolhendo as mulheres e favorecendo o apoio mútuo.

Situações especiais

Pais adolescentes

Os adolescentes devem ser reconhecidos como sujeitos dos direitos sexuais e reprodutivos, incluindo a paternidade como direito. A unidade de saúde pode criar possibilidades para que o pai adolescente fortaleça vínculos com sua parceira e seu filho, evitando julgamentos de valores sobre a paternidade adolescente. Deve-se estimular sua presença, sempre que possível, e respeitá-lo da mesma forma que faria com os adultos. Assim, estará contribuindo para fortalecer sua autonomia e seu senso de responsabilidade como pai.

Pais separados

No caso de separação do casal, os vínculos com o pai e com a mãe devem ser preservados, em benefício da saúde emocional da criança. Como prevê o ECA e as recomendações internacionais, toda criança tem direito ao cuidado de pai e de mãe. O Código Civil (art. 1.579) prevê que o divórcio

não modificará os direitos e deveres dos pais em relação aos filhos. Nos atendimentos, a equipe deve deixar clara a importância dos dois, e colaborar para que ambos continuem a compartilhar a responsabilidade e o amor pelos filhos.

A equipe de saúde deve estar atenta à nova lei de guarda compartilhada, que prevê a possibilidade de que pai e mãe continuem dividindo a responsabilidade pelos filhos após a separação. Muitas vezes, as mulheres dificultam o envolvimento dos pais, afastando-os dos cuidados com a saúde e educação dos filhos. Cabe à equipe de saúde trabalhar as inseguranças dessas mães com relação ao envolvimento paterno, e desenvolver com elas a reflexão sobre o direito e a necessidade das crianças.

Pais solteiros e viúvos

Alguns pais cuidam de seus filhos sem a presença das mães e enfrentam os preconceitos de gênero nos diversos setores da sociedade que não acreditam na sua capacidade cuidadora. Esse preconceito muitas vezes se inicia neles mesmos, que se sentem despreparados e incapazes. Necessitam, portanto, de apoio da equipe para valorização de sua experiência, já que, apesar de bons cuidadores, costumam se sentir desvalorizados em comparação com as mulheres, as tradicionais cuidadoras.



Especial atenção deve ser dada aos pais cujas parceiras faleceram (no parto ou em outras circunstâncias). Além da tristeza pela morte da companheira, muitas vezes eles ainda precisam enfrentar uma disputa com familiares da mãe pela guarda dos filhos.

Pais homossexuais

A função parental não está contida no sexo, mas na forma como os adultos cuidadores lidam com as questões relativas a problemas disciplinares, de apoio afetivo e tomadas de decisão. Entre as diversas possibilidades de configurações familiares encontramos a homoparentalidade, ou seja, o cuidado da criança por pai ou casal homossexual. Os pais homossexuais costumam sofrer duplo preconceito: por serem homens cuidadores e por

divergirem do padrão heterossexual de uniões afetivas. A equipe de saúde precisará trabalhar seus preconceitos para apoiar o pai, seja qual for a sua opção sexual e organização familiar.

Pais ausentes

Mesmo nas situações em que está ausente fisicamente, o pai deve ser incluído nos atendimentos através da fala do profissional e da pessoa que está sendo atendida (gestante, mulher, criança ou adolescente). Nas dificuldades de relacionamento entre os pais é comum que as mulheres excluam o pai da vida das crianças. Se for necessário, a equipe pode pedir autorização à mãe para realizar o contato com ele, por telefone ou correspondência, e, de acordo com sua aceitação, poderá marcar um atendimento com o pai, com o objetivo de estimular o vínculo e o cuidado paterno.

No caso de pais falecidos ou de impossibilidade de contato, a equipe poderá apoiar psicologicamente a mãe e incentivá-la a facilitar que familiares ou amigos possam servir como referência afetiva masculina para a criança.

Quando o pai é presidiário ou comprometido com ações ilegais, a equipe precisará trabalhar as dificuldades emocionais e sociais da família. Tais situações demandam uma reflexão interna da equipe no apoio à manutenção do vínculo paterno, no sentido de trabalhar os preconceitos com relação a esses homens e reconhecê-los como pais, independentemente das circunstâncias.

No caso de pais que não assumiram a paternidade, a equipe poderá apoiar a mulher para a realização de teste de DNA, orientando-a a procurar a Defensoria Pública. Quando necessário, o juiz executará um laudo pericial e solicitará a realização de exame de DNA com gratuidade de justiça.

Homens autores de violência doméstica

Em algumas famílias a mãe relata que o pai é um risco para a vida familiar, por ser violento com ela e/ou com os filhos. Estas situações merecerão uma atenção maior da equipe para a compreensão das dificuldades emocionais e sociais deflagradoras da violência. É possível que o pai esteja incomodado com as próprias atitudes e queira ajuda; portanto, o profissional deve proporcionar a este homem a oportunidade de falar e expor suas questões, da mesma forma que é importante garantir a proteção das mulheres, crianças e adolescentes envolvidos. Os pais poderão ser referenciados para serviços de atenção a homens autores de violência.



Legislação

Acompanhamento do parto – Lei Federal nº 11.108/2005

Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde – SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

§1º O acompanhante de que trata o caput deste artigo será indicado pela parturiente.

Licença-Paternidade – Art. 7º da Constituição Federal de 1988

O prazo de licença-paternidade é de cinco dias.

Acompanhamento de crianças e adolescentes internados – Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal nº 8.069

Art. 12º Os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente.

Mês de Valorização da Paternidade – Decreto municipal nº 24.083 de 2 de abril de 2004

Institui o Mês de Valorização da Paternidade, em agosto, durante o qual as unidades de saúde, escolas e demais equipamentos e projetos municipais que trabalhem com crianças, adolescentes e suas famílias devem desenvolver atividades voltadas para o tema da paternidade e do envolvimento dos homens no cuidado com crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em www.cuidarpsi.com e em http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/dissertes.htm.
2. CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Desencourajamento de gênero e autorregulação entre pais cuidadores sem as mães*. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br e em www.cuidarpsi.com.
3. RIO DE JANEIRO. Aprendendo a ser pai. *Circulador*, Rio de Janeiro: SMS/RJ, 2007. Disponível em <http://www.saude.rio.rj.gov.br/paternidade>
4. CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais*. Cad. Saúde Pública [online]. 2003, v. 19, suppl. 2 [cited 2008-12-04]. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php.
5. CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *A participação do pai no nascimento da criança: as famílias e os desafios institucionais em uma maternidade pública*. Dissertação [Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social]. EICOS, Instituto de Psicologia, UFRJ, 2001. Disponível em www.cuidarpsi.com.
6. COWAN, C., COWAN, P. A. Working with couples during stressful transitions. In: DREMAN, S. (Ed.). *The family on the threshold of the 21st century: Trends and implications*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 1997.
7. DOMINGUES, Rosa Maria S.M. A presença de um(a) acompanhante durante a atenção ao parto: A experiência da Maternidade Leila Diniz. BARBOSA, Regina Maria et al (Orgs.) *Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.
8. NEIL-URBAN; Sherry; JONES, Jill B. Father-to-father support: fathers of children with cancer share their experience. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, v. 19, n.3, p. 97-103. 2002. Disponível em: <http://jpo.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/3/97>.

INFORMAÇÕES E SITES ÚTEIS

www.saude.rio.rj.gov.br/paternidade (neste site pode ser feito o download desta publicação)
www.multirio.rj.gov.br/portal | www.pai.com.br | www.papai.org.br
www.cuidarpsi.com | www.promundo.org.br | www.aleitamento.com

Informações sobre serviços de saúde, parques e atividades esportivas gratuitas para as famílias na rede municipal: Telessaúde tel 3523-4025

Terapia de família, rodas de terapia comunitária, grupos reflexivos de gênero com homens e com mulheres que vivem ou viveram situações de violência na família: Instituto Noos tel 2579-2357 ou www.noos.org.br

DEZ RECOMENDAÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA TORNAR A UNIDADE DE SAÚDE PARCEIRA DO PAI

Promova junto à equipe a reflexão sobre temas relacionados às masculinidades, cuidado paterno e metodologias para trabalho com homens.

Inclua os homens e pais nas rotinas dos serviços e convide-os para as consultas, exames e atividades de grupo relacionadas ao cuidado com seus filhos e parceiras, tais como contracepção, TIG e acompanhamento pediátrico.

Incentive a participação dos pais no pré-natal, parto e pós-parto e dê a eles tarefas significativas, como cortar o cordão umbilical ou dar o primeiro banho. Divulgue o direito deles acompanharem o parto.

Facilite a presença dos pais nas enfermarias, acompanhando seus filhos internados.

Promova com os homens atividades educativas que discutam temas relacionados ao cuidado, numa perspectiva de gênero.

Acolha os homens, valorizando sua capacidade, escutando suas demandas e sugestões, oferecendo apoio nas situações difíceis e incentivando-os a cuidar da própria saúde.

Proponha adaptações no ambiente de modo a favorecer a presença dos homens, tais como cadeiras, camas, banheiros masculinos, divisórias, cartazes e revistas.

Dê visibilidade ao tema do cuidado paterno, incluindo-o nas diferentes atividades educativas realizadas pela unidade, como: contracepção, pré-natal, aleitamento, grupos de adolescentes, pais e idosos.

Ofereça horários alternativos, tais como sábados e terceiro turno, para consultas, atividades de grupo e visitas às enfermarias, a fim de facilitar a presença dos pais que trabalham.

Estabeleça parcerias com a comunidade para fortalecer a rede de apoio social.

